

O FUNCIONAMENTO TEXTUAL-DISCURSIVO DE RECURSOS LINGÜÍSTICOS EM A ÚLTIMA CRÔNICA, DE FERNANDO SABINO

Sílvio Nazareno de Sousa Gomes *
Edson Carlos Romualdo **

Resumo: Este artigo objetiva analisar, com ancoragem no dialogismo do Círculo de Bakhtin, o funcionamento textual-discursivo de recursos linguísticos que resgatam os conceitos axiológicos sociais no estilo verbal do autor-criador no enunciado crônica. O trabalho apresenta como *corpus* de análise *A última crônica*, de Fernando Sabino. A partir das escolhas do recorte temático “o amor dos pais pela filha” e de uma família de negros para narrar tão sublime ato paterno, abre-se a possibilidade de leitura de um discurso contra o preconceito racial. A análise do texto de Sabino ancora-se no uso de aspectos da língua que resgatam os conceitos axiológicos sociais, os quais trazem a posição valorativa do autor-criador. À luz da Linguística Aplicada, a análise do enunciado sedimenta-se na visão sócio-histórica-ideológica da linguagem, proposta pelos teóricos russos, nos estudos da Análise Dialógica do Discurso, além de outros pesquisadores que seguem a mesma vertente, e na proposta de perspectiva dialógica para a análise linguística na leitura de textos. Os resultados do estudo demonstram que os aspectos valorativos mostrados no estilo verbal da crônica, sedimentados na interação verbal autor-criador, interlocutor e tema, construído com base em marcas linguístico-discursivas, explicitam a posição ideológica do enunciatador, que, com um olhar afetivo, humano e ético sobre os membros família, personagens da narrativa, coloca-se em oposição a discursos intolerantes e racistas presentes na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Dialogismo. Recursos linguísticos. Conceitos axiológicos. Crônica

THE TEXTUAL-DISCURSIVE FUNCTIONING OF LANGUAGE RESOURCES IN THE LAST CHRONICLE, BY FERNANDO SABINO

Abstract: Considering the dialogism theory as proposed by Bakhtin, this article aims to analyze the textual-discursive functioning of linguistic resources that rescue social axiological concepts in the verbal style of the author of a chronicle. The paper presents *The last chronicle*, by Fernando Sabino as corpus of analysis. From the choices of the thematic focus "the parental love to their daughter" and the fact that a black family narrates such a sublime paternal act, it is possible to read a discourse against racial prejudice. The analysis of Sabino's text is based on the use of language aspects that rescue social axiological concepts, which unveil the author's evaluative position. In the light of Applied Linguistics, the analysis of the utterance is founded in the socio-historical-ideological view of language, proposed by Russian theorists, in the studies of dialogical discourse analysis, in addition to other researchers who follow the same trend, and in the proposal of a dialogical perspective for linguistic analysis in reading texts. The results of the study demonstrate that the evaluative aspects shown in the verbal style of the chronicle, based on the author-creator, interlocutor and theme verbal interaction, built based on linguistic-discursive marks, explain the enunciator's ideological position, which, with an affective, human and ethical view about the family members, characters in the narrative, which is in opposition to intolerant and racist discourses present in Brazilian society.

Keywords: Dialogism. Language resources. Axiological concepts. Chronicle.

Introdução

Neste artigo, propomos um estudo do enunciado *A última crônica*, de Fernando Sabino, em perspectiva dialógica da análise linguística (Polato; Menegassi, 2017). Objetivamos analisar sob o enfoque da Linguística Aplicada e com ancoragem no

dialogismo do Círculo de Bakhtin, o funcionamento textual-discursivo de recursos linguísticos que resgatam os conceitos axiológicos sociais no estilo verbal do sujeito-autor na crônica, que traz como recorte temático o amor dos pais negros pela filhinha, ao demonstrar um gesto familiar sublime por meio da comemoração do aniversário da criança.

Essa escolha do locutor por uma família “de pretos” para narrar o fato cotidiano com tanta pureza, mostrou-nos a possibilidade de lermos o discurso da autoria como contrapalavra a discursos racistas e intolerantes tão presentes na sociedade hoje. Nossa análise, portanto, baseia-se numa concepção da língua como organismo vivo, em uma leitura interacional apoiada em marcas linguístico-discursivas, na qual os leitores devem ser vistos como seres pensantes, críticos e reflexivos, inseridos em um processo dialógico constante no que diz respeito à abordagem dos recursos da língua nos mais diversos gêneros discursivos.

Sob o enfoque dialógico, a abordagem gramatical não pode ser centrada no método formal, no qual a língua é vista apenas em sentido restrito, como forma do material que organiza o verbal. Assim, na análise dos recursos linguísticos-discursivos presentes no estilo verbal do autor da crônica, *corpus* deste estudo, tomamos os pressupostos teóricos da interação verbal (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006) e dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011) como referência, por entendermos que qualquer análise da língua deva sempre afastar-se do estudo da frase solta, descontextualizada e isolada em direção ao enunciado, do discurso monológico ao dialógico, que é a base da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin.

A análise linguística em perspectiva dialógica parte dos avanços da configuração da análise linguística, em Linguística Aplicada, no Brasil (GERALDI, 1984; 1997; FRANCHI, 1987; BRASIL, 1998; MENDONÇA, 2006; PERFEITO, 2005; BEZERRA; REINALDO, 2013, entre outros) e dos avanços da perspectiva dialógica de trabalho com a língua(gem), (ACOSTA-PEREIRA, RODRIGUES, 2010; RODRIGUES, ACOSTA-PEREIRA, 2016; MOURA, MIOTELLO, 2016; BRAIT, 2008, 2017; RODRIGUES, 2005; ROHLING, 2014; SOBRAL, GIACOMELLI, 2016; FRANCO, ACOSTA PEREIRA, COSTA-HÜBES, 2019). Pautados nesses estudos, Polato e Menegassi (2017, 2018, 2019, 2020) apresentam uma caracterização da análise linguística dialógica e a definem:

como perspectiva pedagógica de abordagem de aspectos linguístico-textuais, enunciativos e discursivos em materialidades textuais mobilizadas em gêneros discursivos, com mira à compreensão e à produção valorada de discursos, a partir de uma abordagem valorativa da língua, que se efetiva na análise da relação indissociável estilogramática (BAKHTIN, 2003c, 2013), materializada em enunciados concretos. Nesta perspectiva, as relações dialógicas integrantes da produção de sentidos são foco de discussão, para compreensão das relações sociais representadas nos textos. A língua, assim, é concebida a partir de um plano dialógico, como material trabalhado à constituição pluridiscursiva do estilo verbal empregado nos enunciados concretos (BAKHTIN, 1988a, 2003c, 2013; POLATO; MENEGASSI, 2017a, 2018), o que demanda revestir o estudo do material linguístico/semiótico, parte percebida do enunciado, de uma interpretação axiológica ancorada nos presumidos sociais (VOLOCHINOV/BAKHTIN, 1926), aqui compreendidos a partir das situações sócio-históricas, culturais e ideológicas amplas e imediatas de produção discursiva. (POLATO; MENEGASSI, 2020, p. 4).

Essa perspectiva de abordagem da língua não se limita ao estanque, ao desarticulado, em que a metalinguagem prevalece, com olhar voltado para a estrutura pela estrutura. Como esclarecem Polato e Menegassi (2017), os recursos estilístico-gramaticais da língua só adquirem sentidos nas enunciações concretas com base na totalidade do acabamento dos enunciados. O estilo verbal do enunciado é o lugar no qual o dialogismo de forma abrangente se instala, considerando que o verbal está sempre em relação direta com o extraverbal da linguagem. Essa via de mão dupla possibilita mobilizar as axiologias sociais para que a interpretação dialógica da funcionalidade linguística seja efetivada na interpretação das marcas linguístico-discursivas na crônica.

Em seu estudo, Polato e Menegassi (2017) realizam uma proposta de análise linguística em perspectiva dialógica em *A causa secreta*, de Machado de Assis. Centram a interpretação dos componentes estilístico-gramaticais do conto machadiano no estilo verbal que, ao refletir um juízo de valor, entrelaça os mais diversos níveis de dialogismo, como aspectos inerentes à compreensão do conteúdo ideológico existente na materialidade linguística. Assim, os pesquisadores consideram a constituição do estilo verbal em consonância com as posições valorativas presentes nas formas composicional e arquitetônica do conto como lugar específico do dialogismo, uma vez que expressam as axiologias sociais na cadeia ininterrupta da interação verbal entre locutor, interlocutor e tema.

Para construirmos a análise dialógica dos recursos da língua mobilizados para a leitura de A última crônica, optamos fazê-lo de acordo com o fluxo narrativo apresentado pelo autor-criador na contagem do fato. Assim sendo, podemos compreender e analisar, gradativamente, o querer dizer do locutor-narrador, por meio do estilo verbal, na construção de um discurso em que se posiciona de forma valorativa como contrapalavra ao preconceito racial ainda tão arraigado na sociedade brasileira, visto que, em toda a crônica, o seu olhar para a família de negros é de tolerância, afetividade e humanização. Nossa intenção é mostrar, na sequência narrativa, os recursos linguísticos mobilizados pelo narrador-locutor, com a intenção de justificar, durante a análise, as escolhas linguísticas interligadas à posição axiológica assumida ao tratar do recorte temático diante de seu interlocutor.

Para realizarmos nosso intento, discutimos rapidamente o caráter dialógico da linguagem, com base em Bakhtin/Volochínov (2006), em Bakhtin (2011) e em comentadores da teoria do Círculo de Bakhtin; apresentamos as considerações de Polato e Menegassi (2017), no que diz respeito à perspectiva dialógica da análise linguística; e contextualizamos o escritor mineiro Fernando Sabino, autor da crônica analisada.

O caráter dialógico da linguagem sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin

A interação verbal proposta por Bakhtin/Volochínov (2006) se contrapõe a todo e qualquer estudo da linguagem de forma estanque e deslocada de suas ocorrências reais de uso, já que uma análise da língua nesse viés, segundo os autores, estuda os recursos linguísticos fora da cadeia intermitente da interação verbal, em que estão vivas as ideologias com as quais os homens valoram seus discursos. Na perspectiva do Círculo de Bakhtin, um signo linguístico por si mesmo é abstrato, não é semiótico e não significa nada fora de uma situação concreta de uso. Somente em um contexto sócio-histórico-ideológico, signo e ideologia se juntam, pois, segundo Bakhtin, “[...] tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia.” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 29).

Sobre a natureza do signo ideológico, Ponzio (2008) elucida que todo “[...] discurso é expressão, não de um interior que se exterioriza, e sim de um exterior que

se interioriza de forma especial [...]” (PONZIO, 2008, p 84), uma vez que, para o Círculo, as vozes não ocorrem sozinhas, o sujeito só se vê completamente sob o olhar do outro, a palavra do locutor está diretamente influenciada pelo interlocutor, a natureza da linguagem é via de mão dupla. Essa relação de alteridade é constituída pela esfera do já-dito, que pode determinar imediatamente uma resposta, aquilo que ainda não-foi-dito. Na visão do Círculo, o enunciado tem sempre um valor, sempre será ideológico em dois sentidos: os enunciados ocorrem na esfera de uma das ideologias e expressa sempre uma postura de avaliação. Tal abordagem não nega de forma nenhuma o mundo extralinguístico, porém rejeita a concepção de correspondência entre as palavras e as coisas, ao assumir um caráter interacional da referência. Assim, a realidade que se apresenta na enunciação não é dada, mas construída no discurso e alimentada pelo próprio discurso em um processo de construção e reconstrução interativa da realidade, o que é destacado por Faraco, pois:

É nesse sentido que os textos do Círculo vão dizer recorrentemente que os signos não apenas **refletem** o mundo (não são apenas um decalque do mundo); os signos também (e principalmente) **refratam** o mundo. Em outras palavras, o Círculo assume que o processo de transmutação do mundo em matéria de significante se dá sempre atravessado pela refração dos quadros axiológicos. (FARACO, 2009, p. 50, grifos do autor).

O refletir e o refratar do mundo estão diretamente ligados à compreensão do signo fora de si mesmo. Em nosso estudo, para mostrarmos as questões ideológicas, focamo-nos em três conceitos axiológicos sociais da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin: a) o extraverbal; b) o juízo de valor; e c) a entonação.

Segundo Acosta-Pereira e Rodrigues (2014), a situação pragmática extraverbal é a dimensão social, de onde o verbal nasce, pois a materialidade linguística não significa em si mesma, isto é, os recursos da língua não são autossuficientes. É a partir do extralinguístico que o caráter social do enunciado reflete e refrata a ideologia e a valoração, ao manter uma relação bem próxima com o extraverbal que lhe é peculiar, por meio de três elementos indissociáveis: a) o horizonte espacial e temporal comum dos interlocutores, a unidade visível; b) o conhecimento e a consequente compreensão comum da situação interativa; e c) a avaliação comum da situação (ACOSTA-PEREIRA; RODRIGUES, 2014). Ainda segundo os pesquisadores, o discurso que se desenvolve em uma esfera social da atividade humana, é refratado

pela ideologia e pela valoração, que se materializam na significação do linguístico de forma única e irrepetível. Isso é observável em *A última crônica*, quando o autor-criador busca no extraverbal, em que residem as ideologias, o sentido e a significação adequados para o seu querer dizer, na construção de um discurso sem ódio em relação à família de negros, por meio dos recursos da língua escolhidos para tal finalidade. Não lança mão de discursos racistas e intolerantes tão evidentes em nosso meio social, mas opta pelas enunciações afetivas e tolerantes sobre o preconceito de cor e as ressignifica, no decorrer da narrativa, com seu olhar humanizante em relação à família “de pretos” que adentra o botequim, ao dar sentido ao objeto de seu discurso: o amor dos pais pela filha.

No que diz respeito ao juízo de valor ou valoração social, como postula Ponzio (2008), “[...] no signo ideológico está sempre presente uma ‘acentuação valorativa’, que faz com que o mesmo não seja simplesmente expressão de uma ‘ideia’, mas expressão de uma tomada de posição determinada, de uma práxis concreta [...]” (PONZIO, 2008, p. 112-115), frente ao tema selecionado para a enunciação. O locutor, ao dizer, não se neutraliza, mas se posiciona ativamente, expressando sempre uma posição avaliativa, pois carrega sempre um conteúdo ideológico formalizado ou vivencial (a ideologia cotidiana). Dessa forma, o autor-criador explicita nos signos ideológicos os valores morais e éticos que defende como ser participante do mundo em que está inserido. Na crônica em análise, isso fica claro na atitude do locutor-narrador, ao mostrar um dizer afetivo sobre pai, mãe e filha negros, ao tomar uma atitude ideológica, valorativa e ética com seu olhar humano sobre os membros da família negra e pobre.

Em relação ao terceiro conceito axiológico, a entonação, Sobral (2009), ao interligá-la ao conceito de julgamento de valor, denomina-a de entoação avaliativa. Para Menegassi e Cavalcanti (2013), o pesquisador, ao nominar a entonação dessa forma, conceitua “[...] o tom como marca de avaliação do locutor, um posicionamento ativo [...]” (MENEGASSI; CAVALCANTI, 2013, p. 439), sua atitude responsiva diante de um determinado conteúdo temático, acrescido de forma composicional e de estilo concretizados em um gênero discursivo. Em *A última crônica*, o sujeito-autor age ao defender uma sociedade mais tolerante e humana, ao responder aos muitos discursos racistas já ditos, ao se colocar antirracista na narrativa, mostrando que uma família “de pretos” também é “célula da sociedade”, como qualquer família de ricos e brancos.

Nesse sentido, “a entonação é marca pessoal do locutor, sua presença e seus valores no enunciado” (MENEGASSI; CAVALCANTI, 2013, p. 440), e por ser considerada criativa e produtiva nos seus aspectos sociais e discursivos, a entonação é capaz de modificar a significação dos recursos linguísticos. O tom está relacionado diretamente ao conceito de alteridade, porque é o outro (interlocutor/leitor) quem avalia o enunciado com base nas entonações deixadas no texto pelo narrador-autor. A título de exemplificação, no enunciado de Sabino, as escolhas dos recursos linguísticos trazem novas cargas de entonação, pois o adjunto adnominal “de pretos”, em um “casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos” (SABINO, 1984, p. 169), não traz um tom pejorativo, depreciativo, reforçando o preconceito racial, mas a surpresa do locutor-narrador sobre o porquê de “um casal de pretos” estarem em um botequim na Gávea, mesmo inseguros, e permanecerem em um local não condizente com a classe social e a cor da família.

Dessa forma, ao considerarmos esses três conceitos axiológicos, não podemos conceber uma análise dos recursos da língua apenas de forma transmissiva, na qual o receptor, passivamente, seja levado pelo emissor (transmissor das regras) apenas a decodificar aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos e estilísticos de um código. Esses atores sociais devem compreender e interpretar o texto, na relação do extraverbal com o verbal, para que ambos possam refletir e refratar as ideologias dos campos das atividades humanas em que estão inseridos, a partir do contexto extralinguístico, da apreciação valorativa do locutor e da entonação empregada na situação comunicativa para aquele contexto específico de uso.

Nas palavras dos estudiosos do Círculo de Bakhtin, não há transmissão, mas relações dialógicas, o que se enuncia não é uma simples mensagem a partir de um código ou de um sistema rígido e fechado em si mesmo, mas enunciados vivos, discursos, posições ativas e valoradas do locutor de acordo com o seu projeto de dizer sobre um determinado tema em função do interlocutor. Na relação de interação entre locutor e interlocutor, as palavras (signos ideológicos) ganham significação, pois o homem, sujeito individual e ao mesmo tempo social e historicamente constituído na e pela linguagem, coloca-se em posição ativa e dialógica com outros sujeitos, que perpassados por vozes sociais que circulam nas esferas das atividades humanas, estabelecem entre si confrontos ideológicos, visto que:

[...] a palavra é um signo ideológico por excelência, porque sua flexibilidade permite ao locutor interiorizá-la e (re)valorá-la de forma idiossincrática no enunciado próprio, considerando a tarefa de dar exauribilidade a um tema, no direcionamento a outros/interlocutores com os quais mantém relações de alteridade. (POLATO; MENEGASSI, 2017a, p. 127).

Assim, os recursos linguísticos analisados via frase enquanto unidade máxima para o estudo da língua, na perspectiva estruturalista, não estabelece uma relação interacional, mas silencia a cadeia intermitente das relações dialógicas amplas, ou seja, para que os recursos da língua reflitam e refratem as axiologias sociais, a frase precisa se desprender de seu estatuto reducionista e ser concebida como um enunciado vivo e concreto das diversas relações das atividades humanas. É por essa razão que os pesquisadores, ao defenderem uma perspectiva dialógica para análise dos recursos da língua por ocasião da leitura de textos, consideram o estilo verbal:

[...] dialógico e pluridiscursivo das relações sociais, cujas escolhas vocabulares e sintáticas da autoria estão orientadas a ligações objetais e semânticas de caráter cognitivo e ético, refletindo o compartilhamento de axiologias sociais sustentadoras da constituição textual/discursiva (POLATO; MENEGASSI, 2017a, p. 123).

Na concepção dos pesquisadores, não há como considerar uma análise linguística encerrada na frase, pois a língua nesse enfoque é vista como estanque e acabada, não reflete e refrata a sua essência sócio-histórica-ideológica, em que vivem as axiologias sociais, ou melhor, não compreende a enunciação como processo da interação verbal. Essa reflexão linguística tradicional e abstrata, centrada apenas nos componentes da língua, “apreende-a como um todo isolado que se basta a si mesmo, e não lhe aplica uma compreensão dialógica ativa” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 99), visto que a língua concretiza-se nos mais diversos enunciados, orais e escritos, únicos e irrepetíveis, que nascem da interação entre interlocutores das diferentes esferas da atividade humana. A linguagem perpassa, sem exceção, todas as atividades humanas, em contextos imediatos interligados diretamente à enunciação, em contextos mais abrangentes vinculados a outras enunciações mais imediatas, que se desenvolvem na cadeia infindável e intermitente da interação verbal, e que são expressas por diversificados gêneros do discurso.

Produtos das relações dialógicas, os gêneros são elos na cadeia ininterrupta da interação verbal e são elaborados a partir da apreciação valorativa do locutor em relação ao(s) interlocutor(es) e aos temas, em função dos quais são feitas todas as escolhas da estrutura composicional e do estilo que constituirão os enunciados concretos. Dessa maneira, os gêneros existem em contextos concretos de uso e são criados em função do interlocutor com quem se dialoga, por isso as unidades da língua fora dos enunciados não têm interlocutor, pois não são dirigidas a ninguém, não possuem uma relação dialógica com a palavra do outro, com a enunciação do outro.

Desse modo, a compreensão dos gêneros do discurso, na perspectiva de Bakhtin (2011), traz para discussão a manifestação dinâmica das interações culturais e sociais, como a ponte que permite reverberar muitas vozes dos mais diversos grupos organizados socialmente. Os sujeitos que enunciam instauram uma arena por meio de suas entonações e apreciação valorativa, ao assumirem atitudes em relação aos temas disponíveis na sociedade, materializados a partir de uma forma composicional e de um estilo.

Aspectos contextuais de *A última crônica*, de Fernando Sabino, e sua relação com a teoria dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin

Para que possamos conduzir nossa análise, procurarmos agora contextualizar, sob a ótica do dialogismo do Círculo de Bakhtin, o enredo e as particularidades que enquadram *A última crônica* no estilo do escritor mineiro Fernando Sabino.

De acordo Tristão (2011), Fernando Sabino foi, em sua época, um dos mais importantes autores para o desenvolvimento da crônica em solo brasileiro, destacando-se por captar, poeticamente, cenas do cotidiano. Uns fatos são extraídos, muitas vezes, do banal, mas revestidos de rara ternura; outros possuem um viés mais voltado ao humor, porém todos são fotografados por um olhar mágico, característica marcante do cronista brasileiro.

Ao citar, em sua pesquisa, o livro *As melhores crônicas de Sabino* (1986), a estudiosa explica que, no que diz respeito ao conteúdo e à forma, os enunciados concretos de Sabino trazem muitas das especificidades do gênero crônica, que retratam o estilo singular do autor, tais como: a) tom reflexivo; b) relato curto colhido de fatos da realidade; c) tratamento de ficção em linguagem nítida, sem os ornatos da retórica tradicional; d) técnica apurada a respeito da clareza, concisão e simplicidade;

e) episódios, incidentes, reminiscências, reflexões, encontros e desencontros por ele vividos em sua “aventura do cotidiano”, apresentados com rica inventiva como se o próprio leitor participasse dos fatos – nisso residindo o seu maior fascínio.

Em *A última crônica*, o fato narrado desenvolve-se em um botequim, no qual o locutor adentra, inicialmente, sem inspiração, procurando por algo circunstancial, episódico, sobre o qual pudesse escrever. Por ainda não ter encontrado um fato cotidiano para concretizar o seu querer dizer ao interlocutor, relembra o verso “assim eu queria o meu último poema”, passagem intertextual em que faz menção ao poema, intitulado *O último poema*, de Manuel Bandeira. Nesse momento, o locutor-narrador ainda está em busca dos fatores sócio-histórico-ideológicos, assim como da tonalidade volitivo-emocional, isto é, da posição, do lugar, de onde ele, como sujeito do discurso, enunciará em um diálogo responsivo, ao concordar ou discordar de vozes sociais. No caso da crônica, o sujeito-autor, ao tematizar o amor dos pais pela filha, traz a contrapalavra contra o preconceito racial na sociedade, pois seu olhar para as personagens negras, como dissemos, é tolerante e humanizador. Portanto, o que caracteriza a autoria do locutor contador do fato na crônica, não é apenas o linguístico – o uso da estrutura composicional e de um estilo próprio –, mas esses elementos relacionados de forma indissociável com o recorte temático colhido no extraverbal, de forma valorativa e entonada de maneira singular para o contexto do que é narrado na crônica.

No enunciado, o desencadear da narrativa, recorte que estabelecemos para a análise do gênero, liga-se à chegada ao estabelecimento comercial, localizado em um bairro nobre do Rio de Janeiro, a Gávea, de uma família pobre e de negros (pai, mãe e filha) que justamente procuram uma mesa no fundo botequim para sentarem-se, sem que saibamos inicialmente o motivo de sua estada ali. O locutor-narrador, a partir desse momento, passa, de forma minuciosa, a observar o comportamento das três personagens (como se portam no botequim) em todo o desenrolar da narração, sempre humildes e inseguros, “na compostura da humildade” e “na contenção de gestos e palavras”, em relação à postura dos funcionários do estabelecimento.

O leitor acompanha a insegurança dos pais da menina, a dúvida se seriam bem atendidos ou não, visto que entram em um local que não costumam frequentar. O olhar aguçado do narrador, a clareza, concisão e simplicidade na forma de narrar as cenas captadas e descritas, colocam o interlocutor no interior da narrativa, tornando-

o cúmplice do locutor-narrador na observação dos fatos. Em síntese, o locutor-narrador do texto de Sabino, ao selecionar o recorte temático em um fato corriqueiro do dia a dia, também mobiliza as formas e o acabamento para usar na produção do enunciado, pois de acordo com as ideias do Círculo de Bakhtin a forma e o estilo são determinados pelo recorte temático, como ainda pelas situações de produção nas quais o enunciado está inserido.

Para interagir com o interlocutor, o autor-criador de *A última crônica*, no que diz respeito ao acabamento do enunciado, elege o gênero crônica narrativa, “crônica circunstancial: crônica como crônica” (TRISTÃO, 2013, p. 70), que retrata “fatos colhidos do cotidiano e captados pelo cronista como observador da cidade ou da vivência das pessoas” (TRISTÃO, 2013, p. 70). Assim, a estrutura composicional selecionada para o intuito do dizer do locutor, na crônica, em particular, organiza-se em um texto em prosa, constituído por seis parágrafos, os quais trazem os elementos da narrativa, narrador em 1ª pessoa, personagens, tempo, espaço e enredo, desenvolvido em uma sequência linear: a) situação inicial; b) início do conflito; c) clímax do conflito; d) resolução do conflito; e e) volta à situação inicial.

Além disso, o locutor escolhe um estilo, caracterizado por uma linguagem simples, que encaminha de forma direta o interlocutor à visualização da cena da família descrita com precisão no interior do botequim, por meio de recursos linguísticos que só significam por estarem interligados ao extraverbal, ao juízo de valor e à entonação. Em decorrência disso, “é possível desvelar essa inter-relação, a partir de uma análise linguística de estatuto dialógico” (POLATO; MENEGASSI, 2017, p. 131), pois como destacam os estudiosos:

[...] se apresentam dialogicamente perceptíveis no estilo verbal do enunciado, sendo possível observar um tripé de relações imbricadas: a) a própria forma, a estrutura, como por si valorativa porque consubstancia; b) o estilo do autor no estilo genérico, para tratar de c) um tema socialmente capaz de mover avaliações comuns por parte dos interlocutores, exaurido de forma peculiar no enunciado. (POLATO; MENEGASSI, 2017, p. 131).

Nesse sentido, conforme Bakhtin (2011), o estilo do locutor-narrador da crônica de Sabino deve ser compreendido, nesta análise, como elemento do gênero e que somente sob os parâmetros do gênero deve ser estudado. Essa perspectiva afasta-se de uma visão da estilística tradicional, a qual, de acordo com o teórico, não

leva em consideração o discurso como base para suas análises, deslocando os recursos linguísticos de seus contextos enunciativos vivos, da relação eu/outro para o campo da individualidade. Na visão do Círculo de Bakhtin, a estilística, vinculada ao campo da individualidade, apaga a relação de alteridade entre os sujeitos do discurso, a interdependência da palavra alheia para a construção da palavra própria. Logo, se o estilo resulta do processo das escolhas individuais em contato com as escolhas modeladas pelas relações sociais mais amplas, o sujeito, segundo o autor, não é um ser assujeitado pelo contexto social em que está inserido, como também não age soberano em sociedade, sem qualquer influência desse meio:

a) porque as axiologias sociais é que fazem o linguístico significar; b) porque os gêneros são objetos semiotizados no processo de interação verbal, sendo sua relativa estabilidade e funcionamento social compartilhados pelos interactantes; e por fim, c) porque palavras estão 'já ali sempre' [...] como 'jamais alguma vez antes', porque [...] precisam ser faladas em contextos absolutamente únicos e novos para o locutor (CLARK; HOLQUIST, 2004, p. 238), ganhando sua própria entonação e valor. (POLATO; MENEGASSI, 2017, p. 128).

Dessa forma, em A última crônica, o estilo verbal traz “a entonação como expressão da individualidade do sujeito, de seus valores, de seu posicionamento axiológico diante da vida” (PUZZO, 2015, p. 179), por meio dos recursos linguísticos, signos ideológicos, selecionados e produzidos no “fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 125). A análise empreendida procura, neste estudo, compreender os recursos da língua em uma situação de uso sócio-histórico-ideológico, já que, em uma análise estrutural, retiramos das palavras e dos elementos gramaticais o teor ideológico que carregam.

O funcionamento textual-discursivo de recursos linguísticos a partir de conceitos axiológicos em A última crônica, de Fernando Sabino

Em nossa análise, não temos a intenção de esgotar todos os recursos linguísticos utilizados pelo autor-criador na crônica, mas nos focamos nos elementos da língua que perfazem o fluxo narrativo na construção de um discurso tolerante, humano e de respeito pelas pessoas de cor na sociedade brasileira como contraposição a vozes sociais racistas tão arraigadas ainda hoje em nosso meio

social. A partir da premissa de que “a forma se imbrica no estilo” (POLATO; MENEGASSI, 2017, p. 132), e essa relação indissociável é percebida pelas escolhas linguísticas do autor-criador, voltamos nosso olhar para as escolhas vocabulares e construções sintáticas que permitam evidenciarmos esse discurso humanizador.

Ao começar a narrativa, o sujeito- autor inicia a descrição da primeira cena com o período “Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos”, que leva o leitor, antes de adentrar a narrativa, a ter a impressão de que o locutor-narrador, ao usar o adjunto adnominal restritivo “de pretos”, em relação ao substantivo “casal”, irá se posicionar de forma preconceituosa. Porém, o interlocutor, ao imergir na leitura da crônica, percebe que o enunciador mobiliza um signo ideológico no extraverbal, com uma entonação avaliativa singular, que começa a sinalizar a finalidade de sua vontade discursiva, para mostrar ao leitor como é difícil para “um casal de pretos” vê-se inferior e excluído na sociedade em um ambiente frequentado por pessoas brancas e ricas. Isso ainda é reforçado pelo uso do artigo indefinido “um”, também com função sintática de adjunto adnominal em referência ao substantivo “casal”, outro signo ideológico, escolhido pelo autor-criador, com a intenção de mostrar, por meio de uma entonação avaliativa, a não valorização, a desqualificação do negro na sociedade por vozes imbuídas de preconceito racial, ou seja, é só mais “um casal de pretos” invisível na multidão. Outro tom axiológico presente, no enunciado, é que os membros da família não têm nomes próprios, são apresentados apenas como “um casal de pretos” e “uma negrinha”, que trazem a eles uma carga semântica também de indefinição, de desvalorização, de seres inferiores, como a sociedade racista os considera.

Essa condição de desvalorização e inferioridade, reforçada por discursos intolerantes, pode ser vista também nos signos ideológicos “fundo” e “últimas”, inseridos nos adjuntos adverbiais de lugar “Ao fundo do botequim” e “numa das últimas mesas de mármore”, os quais demarcam a posição de inferioridade social do “casal de pretos”. Tais expressões evidenciam posições ideológicas de discursos racistas, incutidas no comportamento do casal. A condição de subalternos, possivelmente, mostra-se, no signo “de espelhos”, outro adjunto adnominal restritivo, relacionado ao substantivo “parede”, no interior também do adjunto adverbial “ao longo da parede de espelhos”, que representa um índice de valor e entonação da própria condição do “casal de pretos” refletida para si mesmos, isto é, enxergam-se refletidos na ideologia

excludente, reforçada pelas classes dominantes. A exclusão é reforçada pelo espaço selecionado pelo locutor para narrar o fato, um botequim localizado na Gávea. A localização é fundamental, pois o botequim não se situa em uma favela, em um morro ou no subúrbio da cidade, mas em um bairro nobre da capital carioca, frequentado por pessoas de boa condição financeira e brancas. O espaço se coloca, assim, como antagônico às personagens da crônica, visto que estão em um ambiente que não condiz com a classe social deles – são pobres e, além disso, “pretos”. Com as entonações valoradas por essas escolhas linguísticas, o interlocutor reflete e refrata, com a seleção e descrição do local, discursos intolerantes e preconceituosos na sociedade brasileira, que reforçam a proibição da entrada de pessoas negras em determinados ambientes ditos de brancos, de classe média alta ou de ricos, muito recorrente ainda hoje em nossa sociedade. No entanto, posiciona-se em discordância com tais vozes sociais.

O período seguinte enfatiza a condição de inferioridade da família:

A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço de fita, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, a célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome. (SABINO, 1984, p. 169-170).

A escolha dos complementos nominais “da humildade” e “de gestos e palavras” para os substantivos abstratos “compostura” e “contenção”, respectivamente, também não podem ser analisados somente no nível do linguístico, mas na relação com o extralinguístico. Numa posição valorativa e entonada axiologicamente, esses signos ideológicos demarcam na enunciação o medo, a insegurança do pai e da mãe por estarem em um local não frequentado por uma família humilde, pobre e negra. Assim, em hipótese nenhuma pensam em incomodar os outros clientes do botequim, por isso não se movimentam muito e conversam baixo. Essa preocupação aparece reforçada pelo adjunto adnominal “esquivos”, em referência ao substantivo “seres”, núcleo do sujeito simples “Três seres esquivos”. A qualificação dos “seres” da família comprova, pelo comportamento arredo que dá a entender, a timidez de seus membros por estarem em ambiente estranho. Mais uma vez, pai e mãe da menina sentem-se

acuados e excluídos pelas pressões sociais em relação ao preconceito de cor e de classe social, visto que eles, como adultos, sentem todo o peso do preconceito racial que recai sobre os negros pobres na sociedade.

Nesse mesmo período, com a passagem “deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre”, o locutor já traz indícios do olhar humano e afetivo sobre os membros da família, que desfaz qualquer discurso preconceituoso na crônica. Ao selecionar no linguístico a expressão apositiva “toda arrumadinha no vestido pobre”, traz uma carga valorativa ao sufixo “-inha”, presente no adjetivo “arrumadinha”, que, devido ao extraverbal, não pode ser entendido como um simples afixo de diminutivo, mas como um morfema que expressa afetividade e carinho em relação à criança. Sob o olhar da autoria, é apenas uma criança inocente de “seus três anos” com um “laço na cabeça”, que, apesar de estar vestida pobremente, ainda não sente o peso do preconceito racial como os pais.

Além disso, o sujeito-autor, mantém um olhar tolerante e de respeito em relação ao pai, mãe e filha, ao mostrar por meio de uma entonação, reflexo de sua tomada de posição diante do mundo, que esses “três seres esquivos” compõem “a instituição tradicional da família, célula da sociedade”. O autor-criador, por meio do verbo transitivo direto compor (“compõem”), expressa uma posição axiológica, trazendo à tona em seu discurso, que ali há uma família que também constitui a sociedade brasileira, que jamais deve ser excluída dessa composição. O aposto explicativo “célula da sociedade” fortalece ainda mais seu ativismo em defesa do papel e do lugar de uma família negra na sociedade e o seu direito de ir e vir. O locutor também traz como resgate do extraverbal o sagrado inerente a uma família que se reúne “em torno à mesa” para uma celebração ou para fazer as refeições do dia a dia.

Assim, para finalizar esse primeiro momento da narrativa, o autor-criador, ao empregar a conjunção adversativa “porém” (“Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome”), entona, por meio de uma oposição, a surpresa do locutor-narrador, ao perceber que a família não entrou no botequim sem nenhum propósito definido, além de apenas matar a própria fome. O locutor colhe no extralinguístico os discursos autoritários de que as pessoas negras devem sempre servir passivamente na sociedade, para que o leitor venha a se surpreender com a atitude

de resistência dos pais da menina contra as pressões sociais do lugar onde se encontram no desenrolar da narrativa.

Ao dar continuidade à narrativa, o locutor-narrador organiza a descrição da segunda cena a partir de escolhas estilístico-gramaticais, valoradas para esse propósito:

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado o pedido da mulher e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, largo-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular. (SABINO, 1984, p. 170).

A partir da observação minuciosa do sujeito-autor, a condição financeira da família vai sendo ainda mais delineada no enunciado. O autor-criador valora, com base no extralinguístico, que uma família negra é, geralmente, pobre, e passa a refratar essa falta de recursos a partir do verbo transitivo direto “contar” e de seu objeto direto “o dinheiro”, seguido da oração subordinada restritiva “que discretamente retirou do bolso”. A pobreza mostra-se na necessidade de o pai contar o dinheiro, certificando se o que tem no bolso é suficiente pelo menos para comprar um pedaço de bolo e uma garrafa de Coca-Cola. Com o adjunto adverbial de modo “discretamente”, o locutor também traz uma entonação valorativa sobre a vergonha de um pai de família pobre e ainda negro de querer muitas vezes proporcionar o bem-estar dos filhos, mas sem ter recursos para isso. Essa reflexão do locutor-narrador refrata-se em um sentido contrário, visto que na crônica o pai da menina, mesmo com a módica quantia que tem, não titubeia e segue seu propósito.

O desconforto dos pais por estarem em um ambiente não convidativo é representado agora pelo comportamento da mãe da menina, através dos predicativos do sujeito “imóvel” e “ansiosa”, referentes ao sujeito simples “A mãe”, que se mostra passiva. Essa falta de ação da mãe, na cena, é entonada pelo locutor-narrador através do verbo limitar (“limita-se”), marcador do imobilismo da personagem diante da possível reação do garçom: atender ou não o pedido do marido. O medo da mãe em

estar no local também é representado pelo verbo intransitivo “suspirar”, que indica o alívio da mulher em estar sendo aceita no botequim, correlacionado ao verbo intransitivo “olhar” e ao adjunto adverbial de lugar “para os lados”, que trazem na entonação do autor-criador a tranquilidade de uma mulher negra, que estando em um local não propício a sua classe social, percebe que pode ficar no recinto naturalmente, sem que seja convidada a retirar-se.

Para que a mulher possa “reassegurar-se da naturalidade da sua presença ali”, o autor traz do extraverbal a existência de garçons, que atentamente e de forma respeitosa, desenvolvem o seu ofício no dia a dia sem fazer distinção de raça e de classe social no atendimento ao cliente. Essa entonação valorativa mostra-se, no linguístico, no predicativo do sujeito “concentrado” – a maneira como o garçom ouve o pedido – e no período composto por orações subordinadas: oração principal “se afasta”, subordinada adverbial final reduzida de infinitivo “para atendê-lo”, e do verbo bitransitivo e de seus complementos direto e indireto na oração “encaminha a ordem do freguês”, demonstrando o pronto atendimento à solicitação realizada.

Em contraposição à atitude respeitosa do garçom, o locutor-narrador explicita a carga de preconceito racial existente no outro funcionário, que atende atrás do balcão os pedidos feitos pelos fregueses. Com a entonação presente no verbo transitivo direto e indireto e seus complementos em “apanha a porção do bolo com a mão”, no adjunto adnominal restritivo “do bolo”, além do verbo transitivo direto largar com seu complemento (“larga-o”), acrescido do adjunto adverbial de lugar “no pratinho”, o locutor-narrador conota a falta de respeito pelos membros da família, que, por serem pobres e negros, não são dignos de um atendimento respeitoso do funcionário. A descrição do pedaço de bolo pedido pelo pai da criança também é valorada de acordo com a situação financeira da família, pois a qualificação é construída com os adjuntos adnominais “simples” e “amarelo-escuro” referentes a “bolo”, “pequena” e “triangular” relacionados a “fatia”, que reforçam o poder aquisitivo do pai da menina: o dinheiro era suficiente apenas para a compra de uma fatia de bolo com essas características e não algo mais sofisticado.

Com as duas primeiras cenas, o locutor-narrador descreveu o comportamento dos pais da menina, a fim de que o interlocutor fosse levado a refletir sobre a força que o preconceito racial exerce sobre os membros adultos da família, vítimas de uma sociedade excludente, para, em seguida, surpreender a si mesmo e ao leitor com a

pretensão da família no botequim, que não é simplesmente a de “matar a fome”, mas que se preparam para um “discreto ritual”:

A negrinha contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe, filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos e espera. A filha aguarda também atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim. (SABINO, 1984, p. 170).

Com a cena, o locutor-narrador vai aumentando gradativamente a sua expectativa e a do interlocutor sobre o intuito dos pais da menina no botequim, mesmo inseguros e com medo. Essa espera surpreendente do locutor vai sendo entonada a partir da descrição do comportamento da “negrinha”, através da oração adjetiva restritiva reduzida de participio “contida na sua expectativa”, do verbo transitivo direto e seu complemento direto, “olha a garrafa”, seguido de adjunto adnominal restritivo “de Coca-Cola”, do objeto direto “o pratinho”, delimitado pela oração adjetiva restritiva “que o garçom deixou em sua frente”. Todas essas escolhas são valoradas pelo autor-criador para prenunciar o clímax da narrativa.

Esse caminhar para o ápice do fluxo narrativo é reforçado pela pergunta retórica “Por que não começa a comer?”. Assim, os preparativos para o “discreto ritual” começam, e isso é reforçado pelas ações praticadas pelos pais que se alternam em uma escala gradativa por meio dos verbos significativos “remexe”, “retira” (“A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa”), “se mune” e “espera” (“O pai se mune com uma caixa de fósforos, e espera”), o que só aumenta a curiosidade do locutor em descobrir o que se passa entre os membros da família. Essa curiosidade também é entonada no verbo transitivo direto “aguarda” e no adjunto adnominal “atenta” na caracterização da menina, e na comparação “como um animalzinho”: “A filha aguarda também, atenta como um animalzinho”. Porém, antes de passar para a cena, em que se dá o clímax da narrativa, o locutor-narrador reforça que a família é excluída por todas as outras pessoas presentes no botequim por não serem notadas por mais ninguém além dele.

Finalmente, na quarta cena, o autor-criador desvenda o verdadeiro propósito dos pais da menina ao adentrarem o botequim: a comemoração do aniversário da filha.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "Parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura - ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido - vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso. (SABINO, 1984, p. 170-171).

Para mostrar o propósito dos pais, o sujeito-autor busca a entonação valorativa dos recursos linguísticos no contexto sócio-histórico-ideológico, em que residem as vozes sociais que se colocam resistentes ao preconceito racial. Esse refletir e refratar a realidade é explicitado pela própria resistência do locutor, ao escolher valorativamente as atitudes de uma família "de pretos" como fato cotidiano narrado em sua "última crônica". Valora, de forma positiva, a atitude dos pais da menina, que, apesar de não se sentirem seguros no botequim, não desistem, resistem a toda e qualquer pressão social e não saem do local, pois a filha negra e pobre, como qualquer outra criança branca e rica, também merece um lugar especial para a comemoração de seu aniversário. Dessa maneira, a cena da celebração se instala e é guiada pelo olhar do cronista que humaniza pai, mãe e filha, envolvendo-os em uma aura de amor, de muito afeto, ternura e carinho, que os une em um momento familiar sublime.

Esse olhar de admiração e afeto do narrador-autor pela família está valorado no adjunto adverbial "caprichosamente" ("São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta carinhosamente na fatia do bolo"), que mostra uma mãe cuidadosa, zelosa, a fim de que a comemoração se efetive a contento. A entonação, o juízo de valor do locutor em relação à mãe da menina também está explicitada com o verbo "servir" ("E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende a vela"), que expressa o desejo de servir o refrigerante a filha, já que é uma data tão especial para a criança, assim como o pai que se mostra prestativo e amoroso em também colaborar para que a celebração do aniversário da filha não deixe de ser concretizada.

O amor que une a família também é entonado no linguístico com o adjunto adverbial de modo “com ternura” (“A mulher está olhando a menina com ternura”), com os verbos transitivos diretos ajeitar e limpar (“ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo”, “limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo”). Além disso, o autor-criador também valoriza com o adjunto adnominal “sôfregas” (“com as duas mãos sôfregas”), pois esse signo ideológico demonstra não somente a ansiedade da criança, mas pode representar também a fome que assola muitas famílias de pobres e negros brasileiros. Uma outra demonstração de amor dos pais pela criança revela-se ao permitirem que a menina tome e coma sozinha a Coca-Cola e a fatia de bolo, no dia de seu aniversário, privando-se em favor da filha.

A coragem dos pais da menina torna-se concreta quando a família, apesar de cantarem o “Parabéns pra você” bem baixinho, não se intimidam e mostram sua intenção ao virem ao botequim. Nesse sentido, o autor passa a construir o desfecho da narrativa a partir do encontro de seus olhos com os do pai da “negrinha”, momento em que mostra mais uma vez a coragem do homem, em comemorar o aniversário da menina, no botequim da Gávea, não condizente com a cor e a classe social da família. Apesar de titubear em firmar o olhar diretamente nos olhos do locutor, mostrado pelas escolhas linguísticas valoradas, para ainda demonstrar o medo e a insegurança do homem (“se perturba constrangido”, “vacila, ameaça abaixar a cabeça”), o pai fortalece-se “sustentando o olhar”, que se “abre num sorriso”. O locutor-narrador, para finalizar a sua vontade discursiva, apoia-se na pureza, característica inerente aos membros da família, e coroa com êxito o gênero discursivo produzido, ao encerrar a sua enunciação como o seguinte período: “Assim eu queria a minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso”.

Considerações finais

Este estudo procurou explicitar uma análise dialógica com base nas escolhas linguísticas, interligadas ao tema e à forma composicional do gênero crônica. O estilo verbal do locutor-autor da crônica estabelece uma relação do extralinguístico com o verbal para que a significação do linguístico se dê no enunciado, por meio das relações sócio-histórico-ideológicas amplas e imediatas que interagem na produção da crônica. Todos os elementos inerentes à materialidade do gênero discursivo, são

entonados de forma valorativa de acordo com a seleção feita pelo sujeito-autor, a fim de que realize o seu querer dizer ao interlocutor sobre o tema escolhido e desenvolvido no gênero.

O funcionamento textual-discursivo explicitado por meio dos recursos linguístico-enunciativos escolhidos em *A última crônica*, de Fernando Sabino, e mostrado no decorrer da análise dialógica do enunciado, concretiza-se no estilo verbal a partir dos conceitos axiológicos do extraverbal, do juízo de valor e da entonação, que se refletem nas estruturas linguísticas. Por meio dele, vemos como os discursos racistas e intolerantes em relação ao preconceito de cor são refratados de acordo com a visão de mundo cognitivo-ética do locutor-narrador. Na crônica, ao selecionar como recorte temático o amor dos pais pela filha para o seu querer dizer, o autor se posiciona contra o preconceito racial tão forte e presente na sociedade brasileira.

Dessa forma, como postulam Polato e Menegassi (2017), “[...] estabelece-se uma perspectiva dialógica para análise linguística, que foca o estilo verbal do enunciado como pluridiscursivo e representativo das próprias relações sociais [...]” (POLATO; MENEGASSI, 2017, p. 140). Sob o viés dialógico, vimos que os recursos da língua são analisados de forma reflexiva e contextualizada, uma vez que o linguístico só significa nos contextos de situação e de uso concreto via gêneros do discurso, nos quais as ações da linguagem ocorrem. No processo de interação verbal, os elementos linguísticos foram analisados indissociáveis do extraverbal, em uma teia dialógica complexa de ações e escolhas, mostrando que a língua é viva e dinâmica.

Notas

* Sílvio Nazareno de Sousa Gomes é mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará - UFPA/Belém, doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá - PLE/UEM e professor de Língua Portuguesa e Literatura na educação básica do Estado do Amapá. E-mail: silviogomes11@yahoo.com.br

** Edson Carlos Romualdo é Professor Associado de Linguística do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias da Universidade Estadual de Maringá- UEM. E-mail: ecromualdo@uol.com.br

Referências

ACOSTA-PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso sob perspectiva da Análise Dialógica de Discurso do Círculo de Bakhtin. **Revista Letras**, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 147-162, 2010.

ACOSTA- PEREIRA, R.; RODRIGUES, R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n.1, p.177-194, jan./abr. 2014

BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. *In*: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: Ed. da UNESP, 1988a. p. 13-70.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003c. p. 261-306.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: **Estética da criação verbal**. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; introdução e tradução Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins |Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino de língua**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. Hucitec, São Paulo, 2006.

BRAIT, B. Perspectiva dialógica. *In*: BRAIT, B.; SOUZA-E-SILVA, M. C. (org.). **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2017. p. 9-30.

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-32.

BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Língua Portuguesa**: terceiro e quarto ciclos. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental. Brasília: MEC, 1998.

BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. **Análise linguística**: afinal a que se refere? São Paulo: Cortez, 2013.

FARACO, C., A. **Linguagem & Diálogo**: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 9, p. 5-45, 1987.

FRANCO, N.; ACOSTA PEREIRA, R; COSTA-HÜBES, T. C. da. Por uma análise dialógica do discurso. *In*: GARCIA, D. A.; SOARES, A. S. F. **De 1969 a 2019: um percurso da/na análise de discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 275-300.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-49.

MOURA, M. I.; MIOTELLO, V. A escuta da palavra alheia. In: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA-PEREIRA, R. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 129-140.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: BUZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MENEGASSI, R., J.; CAVALCANTI, R. da S. Conceitos axiológicos bakhtinianos em propaganda impressa. **Alfa**, São Paulo, 57 (2), 433-449, 2013.

MOURA, M. I.; MIOTELLO, V. A escuta da palavra alheia. In: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA-PEREIRA, R. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 129-140.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R., J. O estilo verbal como o lugar dialógico e pluridiscursivo das relações sociais: um estatuto dialógico para a análise linguística. In: **Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 12, p. 123-143, 2017.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O conto em prática de análise linguística dialógica no Ensino Médio. In: BARROS, E. M. D.; STRIQUER, M. S. D.; STORTO, L. J. (org.). **Propostas didáticas para o ensino da língua portuguesa**. Campinas: Pontes Editora, 2018. v. 1, p. 43-69.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. O estatuto dialógico da análise linguística: caracterização teórico-pedagógica. **Acta Scientiarum: Language and Culture**, v. 41, p. 1-12, 2019.

POLATO, A. D. M.; MENEGASSI, R. J. Atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas: expansão dialógica. **Revista Est. Ling.**, Belo Horizonte, aop15590. 2020.

PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**. São Paulo: Contexto, 2008.

PUZZO, M., B. Gênero discursivo, estilo, autoria. In: **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 172-189, dez 2015.

ROHLING, N. Conteúdos de ensino na disciplina de Língua Portuguesa: o embate entre o discurso da tradição e o discurso da mudança. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 123-137, jan./abr. 2014

SABINO, F. A última crônica. In: _____. **A Companheira de Viagem**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 169-171.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Capinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

SOBRAL, A. U.; GIACOMELLI, K. Elementos sobre as propostas de Voloshinov no âmbito da concepção dialógica de linguagem. *In*: RODRIGUES, R. H.; ACOSTA-PEREIRA, R. (org.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 141-162

TRISTÃO, T. C. **A crônica de Fernando Sabino**: anotações iniciais. *In*: Anais do 1º Encontro Tricordiano de Linguística e Literatura da Universidade Vale do Rio Verde – 17 e 18 de novembro de 2011. Grupo de Estudos Minas Gerais: diálogos.

TRISTÃO, T. C. **As crônicas de Fernando Sabino**: poesia da observação. Dissertação de mestrado (Mestrado em Letras) – UNINCOR/Universidade do Vale do Rio Verde de Três Corações, 2013.

VOLOCHINOV, V. N./BAKHTIN, M. **Discurso na vida e discurso na arte**: (sobre poética sociológica). Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. 1926. [Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo].

Recebido em: maio de 2019.

Aprovado em: janeiro de 2020.